

Imagens de Deus: Tempo e movimento na trindade triândrica

Maria do Céu Diel de Oliveira

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Atualmente é Professora Associada do Departamento de Desenho da Escola de Belas Artes-UFMG. Pesquisa a relação da Arte da Memória com a Retórica nas produções da Arte. Realizou estudos Pós Doutoriais concomitantes na UNICAMP, junto ao Laboratório de Estudos Audio Visuais-OLHO, sob coordenação do Prof. Dr. Milton José de Almeida e na Universtá degli Studi di L'Aquila, no Dipartimento di Culture Comparete, sob tutoria do Prof. Dr. Angelo Turco. Coordena o LINHA: Grupo de Pesquisa sobre o Desenho e a Palavra. É assessora da Câmara CHE-Humanas da FAPEMIG.

RESUMO

Contemplando o cristomorfismo e sua circunscrição na história das imagens, este texto propõe a reflexão sobre os conceitos de tempo, imagem e movimento - interno e externo ao olhar - a partir de pinturas, afrescos, relevos e ícones e seus desmembramentos para a hierarquia dos poderes divinos e a estatização das imagens.

Palavras-chave: *Imagens, movimento, cristomorfismo.*

ABSTRACT:

Contemplating cristomorfismo and his constituency in the history of images, this paper proposes a reflection about the concepts of time, image and movement-internal and external-starting from the look of paintings, frescoes, reliefs and icons and its ramifications for the hierarchy of the divine powers and the paralysis of the images.

Keywords: *Images, movement, christmorphism*



1. Do Uno ao Trio

Deus: transcendente e irrepresentável. Nisto concordam os três ramos monoteístas abrahâmicos. Porém, seria possível imaginá-lo ou torná-lo visível através das imagens, da pintura, do desenho e da escultura? Como perseguir e reter no presente uma imagem *ad aeternum* cuja hierarquia e movimento realizam-se no entremundo das ideias? Para avizinhar-se das imagens do Credo cristão e de sua manifestação plástica¹, não é possível excluir a representação de Cristo “*Deus verdadeiro e verdadeiro homem*”² nem a figuração da Trindade.

A fé na encarnação do Verbo de Deus em Jesus deu ao cristianismo - diferentemente do hebraísmo e do Islã – uma posição curiosa. Por um lado, no momento em que admite a encarnação em Jesus, afirmou a visibilidade e a representabilidade de Deus em Jesus. Assim, funda o direito figurar a imagem de Deus no Cristo, quando o mesmo Deus desejou fazer-se carne e sangue e “*habitar em meio a nós*”³. Por outro lado o cristianismo definiu-se, em coerência com seu Credo como um monoteísmo trinitário, e afirmou que Deus é uno e trino: “*A Trindade é um mistério de um só Deus em três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, reconhecidos distintamente na unidade de uma só natureza, ou essência ou substância*”. Isto nos leva a pensar que “*na sua forma mais elevada é doação, troca, amor*”⁴. Os cristãos então concebem que a revelação da trindade de Deus deu-se num longo processo de desvelamento, iniciado no Antigo Testamento. Esta pluralidade manifestou-se na criação do mundo, quando as palavras de Deus na Bíblia: “*Façamos então o homem à nossa imagem*”⁵, que são interpretadas como um *pluralis majestatis*, ou um prenúncio do mistério da Trindade. Assim anunciada na nova aliança, a trindade dá início ao seu mistério que ganha força nas palavras de São Marcos, a propósito do batismo de Cristo no Jordão: “*E saindo da água, abriram-se os céus e o espírito desceu sobre ele, como uma pomba. E ouviu-se uma voz do céu: és meu filho amado em quem me comprazo*.”⁶ Em alguns textos menos visuais, como em Lucas (Lc 10,21) ou em João (João 14,17), Cristo fala de Deus como seu pai e evoca também o Espírito Santo. Um dos atestados escriturais mais explícitos da fé trinitária da igreja nascente está no final do Evangelho de São Mateus (Mt 28-19): “*Portanto vão e façam discípulos em todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*”, fórmula esta que coloca as três pessoas num plano de igualdade, porém nomeando-as na ordem que coloca o Pai o primeiro lugar, sem no entanto diminuir a unidade dos três.



Antonio Martini di Atri, Duomo de Atri, 1350

Página ao lado:

Cristo com três faces, Escola Holandesa, 1500



Antonio Martini di Atri, Duomo de Atri, 1350

Deste versículo deriva a parte sacramental do batismo, que vem completado com uma tríplice imersão. O batismo é o lugar primordial da transmissão da fé trinitária dos cristãos. Finalizando, o Novo Testamento contém uma série de afirmações sobre a relação de Jesus e Deus como: “*Eu e o Pai somos uma coisa só*” (João 10,30) e o breve anúncio do *kerigma*⁷ com dois ou três termos: fórmula binária - *Eu creio em Deus Pai e seu único filho, Jesus Cristo* - e fórmula ternária - *Creio em Deus Pai, seu filho Jesus e no Espírito Santo*.

A palavra “trindade” (*trinitas* ou *triunitas* ou *trina deitas*) aparece em Tertuliano por volta do ano 220 no seu *Contro Prasea*, no início do século III. Santo Agostinho usará habitualmente a expressão *Deus Trinitas*. Os teólogos gregos, outrossim escrevem “santa tríade” (e *hagia Trias*). O termo *trias*, aplicado a Deus surge pela primeira vez em Teófilo de Antiochia, ao final do século II, mas o uso do termo difunde-se somente depois de Atanásio (295-373) entre os padres capadóciolos. Porém é Irineu de Leão (130-40 a 202-8) talvez o primeiro padre católico que oferece uma exposição exaustiva sobre a fé trinitária. Distingue dois níveis expositivos, o da teologia – que considera Deus em si e seu mistério – e o nível da economia – que considera Deus e suas relações com a criação e sua história. Irineu vê em Deus o autor de um plano de salvação para a humanidade e, em consequência, ocupa-se de sua ação no *tempo*, de suas aparições (teofania) e das missões das pessoas divinas (encarnação do Verbo, emanações do Espírito). De Irineu provem o adágio que contém a melhor expressão daquilo que podemos definir como “*a regra do cristomorfismo da representação de Deus*” na arte (cap III, Conclusões): “*O Pai é o Invisível do Filho e o Filho é o Visível do Pai*”. Este adágio não se refere absolutamente aos pintores e queria dizer que, em primeiro lugar, Jesus Cristo, enquanto filho, revelado visível através da encarnação, revela o Pai – que não encarnou, portanto continua invisível; por outro lado, a visibilidade de Jesus não diz tudo dele nem mostra tudo do Pai. Esta fórmula estabeleceu uma ligação entre a teologia cristã da história da salvação – que assegura que tudo que Deus pretende dar aos homens o faz através de Jesus Cristo e o problema da representação cristã de Deus na arte.

No primeiro Concílio de Nicéia, em 325, foram definidos e promulgados como ortodoxia (*fe retta*), a divindade de Jesus Cristo. Nos Concílios ecumênicos sucessivos, e depois nos Sínodos de Toledo (sobretudo no quarto em 633 e no décimo primeiro em 675), no Concílio de Laterano IV (1215) e nos “Concílios de União” (Lyon II, 1274 e Ferrara-Firenze 1438-42), confirmaram-se as declarações, aprofundando pouco a pouco o que concerne a Cristo,

as relações entre Deus-Trindade e a Criação e por fim a emanação do Espírito Santo: o Espírito emana eternamente do Pai e do Filho como um único princípio e uma única inspiração: *ab uno principio et unica spiratione*.

Por fim, vale assinalar que as tradições teológicas gregas e latinas percorreram caminhos diversos. Possuem em comum símbolos conciliatórios, como um léxico basal: essência (ousia), hipostasia, persona (prosoyon), relações assim entendidas: o Pai não é um nome que indica a substância, mas um nome que indica as relações, como também o Filho (filiação, inspiração, circunscrição-*perichoresis*). Mas as reflexões teológicas da tradição latina, influenciada por Agostinho, partiram de uma única substância em direção às Pessoas e buscou compreender, sobretudo, de que modo se distinguem. O seu mérito foi estabelecer com clareza a divindade equânime das Pessoas, porém não esclarece nem a relação das criaturas entre si nem o caráter original das suas missões invisíveis, ou seja, o modo como cada uma se relaciona entre si e se reportam entre si diante de Deus, com exceção das suas missões visíveis, ou seja, o plano de salvação. O perigo para o Ocidente repousa no triteísmo: *“os latinos na maior parte das vezes falam em Pai, Filho e Espírito Santo e veem, por assim dizer, as Pessoas da*

Peregrinação das Almas, Guillaume de Digulleville, 1330-31



Trindade, Igreja de Castelto Cervo, Italia, séc. XIV



Antonio Martini di Atri, Duomo de Atri, 1350

Trindade uma ao lado da outra”⁸. Ao invés disto, a tradição grega coloca em evidência a distinção das Pessoas – Deus é somente uma *ousia* em três *hipostasis* – e a implicação de cada uma na economia da salvação, porém que pode transformar-se numa subordinação, ou seja uma relação hierárquica que de certa forma submete a segunda e a terceira Pessoas em respeito ao primado da figura do Pai.

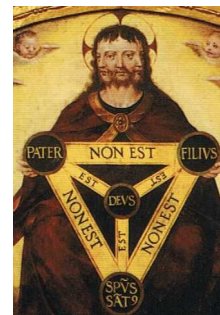
Assim entendendo a distinção das Pessoas no que concerne à suas manifestações visíveis, devemos entender que uma história icônica de Deus estuda os “adventos” no espaço pictórico e busca individualizar e formular as leis e os ritmos das diferentes aparições.

2. *Imago non est interpres sui*

No segundo milênio da era cristã, uma vez superados os obstáculos teóricos, as imagens artísticas abundam. Por causa desta expressiva quantidade de imagens – e porque as vozes dos artistas que as fizeram são extremamente raras – o pesquisador que deseja recorrer a história icônica de Deus é exposto

ao duplo perigo de expor muitas ou muito poucas explicações a respeito das imagens que estuda. O primeiro pode ser chamado de hipercontextualização, que acontece quando os estudiosos acreditam que a história das formas não contém no seu interior seu próprio princípio explicativo. Assim interpretando as imagens, deve-se referir-se à imagem em outros gêneros, não icônicos: o contexto histórico, as traduções, a identificação das correntes espirituais ou pessoais, dados demográficos e eventos políticos. A este primeiro postulado junta-se outro, o do fato social total: o estado da cultura e da sociedade no momento da criação da obra. Porém, deve-se saber que as imagens “citam-se” entre si, copiam-se e traem-se, criando uma dinâmica própria de vida, que podem também interagir com influências externas, como na história das mentalidades, mas que não se reduzem apenas a isto. As imagens resistem, por vezes impermeáveis aos eventos, tem o direito à *lentidão* e percorrem caminhos particulares. É preciso considerar a diacronia da história das formas e das suas sobrevidas. Nas formas icônicas – como as imagens de Deus - o tempo de suas aparições e de suas possíveis transformações se dão também por questões pragmáticas, fora do mundo formal que as conduzem.

Um segundo ponto: no que tange à iconografia de Deus, há uma certa *inércia*, compreendida como um movimento que se dá internamente, por assim dizer, na figura do crente. Uma imagem de Deus comum a toda uma comunidade e a uma parte do tempo de uma civilização não é inventada e não pode ser modificada a não ser por legitimações escriturais e textos litúrgicos e devocionais. Curiosamente os historiadores da arte tendem a conceder um valor explicativo, por vezes excessivo, ao Primeiro Concílio de Nicéia (325), ao Concílio de Calcedônia (451), ao Segundo Concílio de Nicéia (787), ao grande cisma de 1054, à reforma gregoriana, à teologia escolástica, ao nascimento das universidades, das cidades e das ordens mendicantes, aos Concílios sucessivos como Laterano IV - 1215, Lyon II - 1274, à grande peste, à emergência do rico mecenatismo laico, etc. Estes tempos históricos concorrem com o tempo icônico, que comporta a fenomenologia de uma espécie de *iconocosmo* complexo. Para além de uma contextualização arritmica, é no movimento das imagens e de suas hierarquias temporais que este estudo busca entender o movimento dentro da iconologia cristã, principalmente na representação da tríade: um movimento alinhado como um emblema, uma aparição alegórica em três tempos e pessoas que se mostram idênticas e que *movem-se* para abranger a totalidade dos tempos mundanos.



Jerónimo Cósida, Espanha, 1530

3. Trindade como movimento-*vultus trifrons*

Restam poucas imagens que mostram a trindade triândrica, ou seja, imagens que representam a trindade como três homens distintos, que dividem o mesmo plano da cena e gesticulam de forma semelhante. Estas imagens são idênticas e olham à frente para o *presente* ou por vezes as duas figuras laterais olham ligeiramente para a figura central. Estão circunscritas no mesmo tempo, como unidades idênticas que contemplam o eterno instante dos acontecimentos. Consubstanciais, estão assentadas para expressar que, juntas, formam um único deus: é a obrigação protocolar da frontalidade hierárquica. Assim, o tempo contíguo do *movimento* da figura única que ocupa espacialmente o mesmo plano é um abarcar lento de passado, presente e futuro, quando é evocada junto à imagem seu poder de cura e do plano de salvação. O movimento também ondeja, modifica-se e toma velocidade se entendermos o tempo como uma fração do espaço. Assim percebendo as tríades triândricas, entendemos quando Agostinho⁹ escreve:

Mas como o futuro, que ainda não existe, pode diminuir ou esgotar-se? Como o passado que não existe mais pode aumentar, senão porque no espírito, autor dessas transformações, se realizam três ações: o espírito espera, está atento e se recorda. O objeto de sua espera passa pela atenção e se transforma em lembrança. Com efeito: quem ousará negar que o futuro ainda não existe? Contudo, a espera do futuro já está no espírito. E quem poderá contestar que o passado já não existe? Contudo, a lembrança do passado ainda está no espírito.

Regidas pelas concepções aristotélicas, estas imagens existem sob a égide da definição de tempo, pois “o tempo é o número do movimento segundo o antes e o depois”¹⁰. Nas trindades com três faces que vemos aqui, há o alinhamento, num fio condutor cronológico do instante presente *ad aeternum*. Movem-se em si e entre si, no espaço linear da aparição tinitária.

Aos poucos estas imagens foram desaparecendo, reorganizadas segundo as novas regras conciliares. Porém, na história das imagens elas aparecem como estranhamentos, quase *monstra*, ilustrando um programa político aliado com os preceitos da figuração do Deus cristão. Em sua concepção também estão presentes as ideias de movimento eterno, do tempo atemporal e de hierarquias celestes, num esforço de fixá-las em um único acontecimento temporal, através de afrescos, pinturas e miniaturas em breviários e missais.

NOTAS

¹ do grego *plasma*.

² Concílio de Niceia, em 325.

³ Evangelho de S. João, 1,14. Para todos os textos bíblicos aqui citados, escolhi a Bblia de Jerusalem, edição brasileira de 2002.

⁴ TERTULIANO:Adversus Praxean.

⁵ Genesis, 1,26.

⁶ Evangelho de S. Marcos, 1, 10-11.

⁷ Kerigma- do grego *kerux*: aralto, é o coração do anúncio dos Evangelhos, que precede a uma revelação.

⁸ TAVARD, G. La visione della Trinità:rivelazione, contemplazione, Esperienza- Roma, 1993.

⁹ AGOSTINHO:Confissões, 1964, XI, 28,1. Coleção Patristica, Ed. Paulus, SP.

¹⁰ ABBAGNADO, Nicola: Dicionário de Filosofia, 2003, Martins Fontes, SP.

REFERÊNCIAS

A Biblia de Jerusalem. Ed. Paulus,2013. São Paulo.

ABBAGNADO, Nicola: Dicionário de Filosofia, 2003, Martins Fontes, SP.

AGOSTINHO: Confissões. Ed. Paulus, 1997, São Paulo.

TAVARD, G. La visione della Trinità: rivelazione, contemplazione.1993. Esperienza Roma.

TERTULIANO :http://www.tertullian.org/works/adversus_praxean.htm